

CORREIO ECONÔMICO



Com o resultado, acumulado do ano é de US\$ 69,8 bi.

Superávit comercial atinge US\$ 7,03 bi em novembro

Resultante de exportações de US\$ 28,021 bilhões e importações de US\$ 20,911 bilhões, a balança comercial brasileira registrou, em novembro, superávit de US\$ 7,03 bilhões, informou, nessa quinta-feira (5), a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC).

Com o resultado, o saldo positivo no ano

soma US\$ 69,856 bilhões. Somente na última semana do mês passado, o superávit foi de US\$ 1,074 bilhão, correspondente a venda externas de US\$ 6,741 bilhões e compras, de US\$ 5,666 bilhões.

O dado da balança em novembro último, porém, ficou aquém da mediana apontada pelo Projeções Broadcast, que previa um superávit de até US\$ 7,8 bilhões.

Alta leve

Ante igual período de 2023, as exportações em novembro registraram alta de 0,5%, com queda de US\$ 1,52 bilhão (-25,2%) em Agropecuária; avanço de US\$ 120 milhões (1,6%) em Indústria Extrativa e aumento de US\$ 1,49 bilhão (10,5%) na Indústria de Transformação.

Avanço forte

Já a importações cresceram 9,9% no mesmo comparativo anual, desempenhado influenciado pelo crescimento de US\$ 70 milhões (19,3%) em Agropecuária; estabilidade na Indústria Extrativa; e alta de US\$ 1,81 bilhão (10,4%) em produtos da Indústria de Transformação.



Criptomoeda avança, após 'loas' de autoridades ianques

Em bom momento, Bitcoin bate marca de US\$ 100 mil

Pela primeira vez, o Bitcoin atingiu a marca simbólica dos US\$ 100 mil, renovando a máxima histórica da moeda digital, no 'embalo' da euforia da nomeação, pelo presidente ianque eleito Donald Trump, de Paul Atkins, entusiasta das criptomoedas, para comandar a Securities and Exchange Commission (SEC, a CVM

estadunidense) e Powell. A iniciativa serviu para impulsionar o ativo, tendo em vista a perspectiva de que as futuras regulamentações sejam mais favoráveis a este mercado. Isso sem contar os comentários positivos disparados pelo presidente do Federal Reserve (Fed), Jerome Powell, em relação ao bitcoin.

Confiança

Para o diretor regional para as Américas da Coinbase, Fábio Plein, o marco de US\$ 100 mil atesta a 'crescente confiança' na criptoconomia, o entusiasmo dos investidores e apoio do mercado. Nessa quinta-feira (5), o bitcoin subiu 2,90%, a US\$ 99.423,05.

Adoção recorde

Para o CEO e cofundador da Ripio, Sebastián Serrano, "estamos vivendo dias de grandes expectativas, com forte avanço do setor, queda de barreiras regulatórias e criptomoedas batendo novos picos de preços, com adoção recorde por parte de bancos e empresas.

Preocupação

Por contrariar a reforma do Sistema de Crédito Oficial à Exportação, defendida pela indústria, a CNI se preocupa com a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 3/2023, que dá competência exclusiva do Congresso Nacional para autorizar operações externas de crédito.

Intervenção

Para a CNI, o rito diferente para instituições públicas e privadas na concessão de crédito é uma 'intervenção excessiva' na economia privada, ferindo princípios constitucionais do pleno exercício da autonomia da vontade, liberdade de empresa e da livre concorrência.

Estabilidade financeira do país sob risco, aponta estudo do BC

É o que conclui a Pesquisa de Estabilidade Financeira (PEF)

Por Marcello Sigwalt

O flagrante descontrolado fiscal, agravado pela explosão de gastos federais, constitui o maior risco à estabilidade financeira do país, nos próximos três anos. A percepção forma consenso entre as instituições financeiras consultadas pelo Banco Central (BC), conforme consta da Pesquisa de Estabilidade Financeira (PEF), divulgada trimestralmente, pela autarquia.

Maior preocupação do momento, para 42% do universo abordado pelo estudo, o risco fiscal manteve o mesmo patamar exibido pela pesquisa anterior, uma vez que, em agosto, a proporção chegou a 41%.

Depois da 'alarmante' questão fiscal – que cria incertezas quanto à sustentabilidade da dívida pública, do arcabouço fiscal e respectivos impactos nos preços dos ativos e na política monetária [juros] – as instituições elegeram com segunda maior preocupação os riscos internacionais, citados por 27% delas, ao menciona-



Pesquisa do BC amostra preocupação com a 'explosão' dos gastos federais

rem as eleições nos Estados Unidos, a escalada dos conflitos geopolíticos, a desaceleração da economia chinesa e a política monetária, além da atividade econômica ianque. Neste caso, também houve avanço ante agosto, quanto o quesito foi apontado por 23% dos ouvidos. Já a terceira

posição coube à dupla 'risco de inadimplência' e 'atividade econômica interna', indicado por 12%, replicando a pesquisa de agosto.

Sobre esta terceira preocupação, o BC avalia que ela pode ser considerada 'limitada' e com impacto médio sobre o sistema financeiro. Mas para as institui-

ções, a relevância do item se refere à probabilidade de alavancagem (expansão de dívidas) e inadimplência de famílias e empresas e impactos do aperto monetário decorrente da alta dos juros. Ao mesmo tempo, as instituições financeiras admitiram ter visão positiva sobre o crescimento econômico.

Copom 'agressivo' turbina alta de futuros

Os juros futuros encerraram a quinta-feira em alta, mais pronunciada nos vencimentos de curto e médio prazos, reduzindo a inclinação para a curva. A aprovação do pedido de urgência aprovado ontem pela Câmara para a tramitação das duas propostas do pacote fiscal conseguiu produzir alívio da curva até meados da tarde, mas depois o efeito se esvaiu e o mercado começou a sentir o impacto de uma série

de revisões para Selic divulgadas nesta véspera de data crítica para a inserção de projeções no Boletim Focus. O dólar também reduziu a queda, rodando na casa de R\$ 6.

A taxa do contrato de Depósito Interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 encerrou em 14,19%, de 14,12% ontem no ajuste, e a do DI para janeiro de 2027 subiu de 14,33% para 14,43%. O DI para janeiro de 2029 terminou em

14,14%, de 14,10%.

Apesar da piora na etapa vespertina, a curva continuou se reduzindo a inclinação, embora com perda qualitativa ante o que se via pela manhã, com todas as taxas em baixa, mais acentua na ponta longa. O aval da Câmara para uma tramitação mais acelerada dos projetos encaminhados pelo Executivo serviu de argumento para um ajuste à escalada das taxas vista recentemente.

O economista e head de Alocação da W1 Capital, Victor Furtado, afirma que a possibilidade de as propostas andarem de forma direta, sem passar pelas comissões, mostra o senso de urgência por parte do Legislativo que o mercado cobrava do Executivo, que parece ter utilizado a medida do aumento da isenção da faixa do Imposto de Renda para R\$ 5 mil como uma "máscara", dentro do pacote de corte de despesas.

Sobe percentual de famílias endividadas

Por Marcello Sigwalt

Três em cada dez famílias brasileiras admitiram estar com dívidas em atraso. É o que aponta a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), divulgada, nessa quinta-feira (5), pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), ao revelar que estão nessa situação 29,4% do universo consultado, maior percentual, desde outubro do ano passado.

De igual forma, cresceu o patamar de consumidores sem condições de quitar suas dívidas, de 12,6% para 12,9%, na passagem de outubro para o mês passado. Em novembro de 2023, este eram 12,5% do total.

Entre as conclusões, a Peic destaca alterações significativas nos tipos de crédito e no comportamento financeiro das famílias.



Aperto monetário 'infla' a inadimplência das famílias

Na mesma escalada, o endividamento do consumidor avançou de 76,6% em novembro do ano passado, para 77% do total, no mês passado. Essa expansão, segundo o estudo, decorre do maior uso do crédito para compras de fim de ano, além de indicar uma gestão

'mais cautelosa' do orçamento. No que toca ao percentual de consumidores muito endividados, tal faixa recuou para 15,2%, menor patamar desde novembro de 2021.

Ao destacar a importância de prazos mais longos no planejamento financeiro familiar,

em que o consumidor estaria buscando alcançar 'maior equilíbrio' em suas dívidas, o presidente do Sistema CNC-Sec-Senac, José Roberto Tadros acentua que "o aumento sazonal do crédito é esperado nesta época do ano, mas o perfil mais equilibrado das dívidas indica uso mais consciente, com menor impacto na renda mensal".

No que se refere à perspectiva, as projeções da CNC indicam continuidade na evolução do endividamento em dezembro, como reflexo das compras de Natal, o que não deve impedir que a inadimplência continue estável, devido ao comportamento mais conservador das famílias, ante juros altos.

Sob o maior impacto da alta dos juros, o endividamento familiar na faixa de menor renda (até três mínimos), subiu para 81,1%, o que corresponde ao maior índice entre todas as faixas de renda.

Ajuste no pacote fiscal eleva a bolsa

O Ibovespa se reaproximou da linha dos 128 mil pontos nesta quinta-feira e fechou no maior nível desde o último dia 26, hoje aos 127.857,58 pontos, em alta de 1,40% na sessão, no que foi seu melhor desempenho desde 22 de novembro. Desde o dia 28, quando cedeu 2,40% no ajuste inicial ao anúncio do pacote fiscal do governo, o índice tem alternado ganhos e perdas em base diária. Mas, de ontem (-0,04%) para hoje (+1,40%),

parece mostrar padrão mais estável, tendo saído de mínima de 123.946,16 durante a sessão da sexta-feira passada para máxima a 127.989,06 pontos na sessão de hoje, em variação de 4 mil pontos entre os polos do intervalo.

Nesta quinta-feira, o piso do dia (126.087,09 pontos) correspondeu praticamente ao nível de abertura (126.087,78 pontos), com giro financeiro a R\$ 23,1 bilhões no fecha-

mento. Na semana e no mês, o Ibovespa registra alta de 1,74%, ainda cedendo 4,72% no ano. Como pouco visto desde que se impuseram as preocupações em torno do pacote fiscal – com efeitos diretos sobre o câmbio, hoje ainda a R\$ 6,00 (-0,63%) no encerramento, e a curva de juros doméstica –, a recuperação do índice da B3 foi bem distribuída pelos componentes da carteira, especialmente entre as ações de maior peso e liquidez.

Na contramão dos preços do petróleo – em leve viés de baixa –, Petrobras ON e PN subiram, respectivamente, 1,49% e 0,99%. Vale ON avançou 0,82%, na máxima do dia no fechamento, e os ganhos entre as ações dos principais bancos ficaram entre 1,23% (BB ON) e 2,14% (Itaú PN). Na ponta ganhadora, destaque para Eletrobras (ON +4,02%), Multiplan (+3,63%) e Iguatemi (+3,54%).